

NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

A. Ex. ma

Sociedade Martins Sarmento

Guimarães

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da Rainha, 56 A—1.º e 2.º Andar—Telex. 4313. — Composição e impressão: Tipografia Minerva Guimarãesense—Telex. 4177—Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA
DEFENSA
 VISADO PELA



Aos seus Colaboradores,
 Assinantes e Amigos, o

Notícias de Guimarães

deseja Boas-Festas
 e Feliz Ano Novo.

O Presépio e a Cruz

No Presépio pequenino
 Dorme o Menino
 Filho da Virgem-Maria.
 Cá fora cantam pastores,
 Erguem louvores,
 Rezam a Deus de alegria!...
 Vêde como a jumentinha,
 Mais a vaquinha
 Acalentam com bofejos
 Seu corpinho nacarado
 E regelado;
 — Tal qual doces, quentes beijos!... —
 Depois vêm os Reis-Magos
 Com mil afagos
 E prendas de alto valor!
 A Virgem olha o bambino,
 O seu Menino,
 Olha-o enlevada de amor!

.....
 Seu Verbo ecoou nos Mundos,
 E os Mundos encheu de Luz!
 Depois... entre vagabundos,
 Deram-lhe a morte na Cruz!

Dezembro de 1945.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

NATAL!

Por Ferreira Tórrès.

JESUS é a objectivação da promessa divina. Só Deus, que tudo prevê e que tudo sabe, pode dispôr, à distância de milhares de anos, da realidade dos factos. Só Deus, a quem tudo obedece e a quem o ser mais insignificante dá contas da sua trajectória na vida, pode fazer prevalecer a Sua palavra, porque o que foi, o que é e o que há-de ser têm na sua Omnisciência a mesma presença e a mesma actualidade.

Por isso, Jesus nasceu. No firmamento aparece uma estrela especial que guia três sábios ao estábulo de Belém. Nos céus, há coros angélicos que a terra não ouve nem percebe. E porque não ouve e porque não percebe, a vida continua a ranger nos seus quícios milenários.

Passa a esperança com todos os aromas da sua primavera sempre renovada de dia para dia, de hora para hora, de instante para instante. O tédio anda açodado por todos os recantos das almas e pergunta às vezes: Sirvo eu para alguma coisa? Corre a luxúria em corcéis de Beleza; geme a desgraça; brama a injustiça; soluça a pobreza; berra a opulência com orgulho; a dúvida atrofia as melhores searas da confiança; o mofo do desânimo anda ligado às mais altas aspirações.

O mundo segue o seu rotinismo de sempre. Mas Jesus, acabado de nascer, já não pertence ao rotinismo do mundo. Ele é vida diferente das outras vidas. Ele é luz que não se ofusca nunca. Ele é o princípio e o fim dos desejos que se desentranham do coração dos homens.

Que préstimo teve o Seu nascimento? — Eis a pergunta a que a História se tem encarregado de dar resposta.

Gravita o Mal em volta do Bem. Ronda a discórdia em volta da pacatez. Grunhe a algazarra em volta do silêncio. Pode o homem amarfanhá-lo a ambição e guiar todos os seus passos pela justiça e pela verdade?

O homem de hoje já não é o Adão edénico do princípio do mundo nem a mulher a Eva. Estes viviam sôzinhos, não tinham a sociedade com os seus requintes de emulação, não tinham os imprescindíveis do semelhante, que apesar de ser semelhante tem muitas caras, muitos gostos, muitas vontades, muitas maneiras especiais de viver em comum ou de agir em particular. E Adão e Eva possuíam, acima de tudo, um mundo vasto e inexplorado, à espera de possuidor, por onde a sua vista podia espriar-se livremente, sem ódios, sem rivalidades, sem volições descomedidas, sem barreiras intransponíveis. O homem de hoje é o que sabemos.

Jesus, abandonado no humilde retábulo de Belém, veio dar ao mundo a mais sublime lição de Bondade e Amor.

Já a Grécia tinha testamentado a Roma o seu espavento e os Césares reinavam entre a adulação dos maiores, calcando, ufanamente, como deuses potentes, as aspirações de milhões de escravos. Dois extremos absolutos. Um homem, porque

Conclui na 4.ª página

No pó da Sua luz

UM NÃO SEI QUÊ
 FEITO DE CLARÕES
 E DIAMANTES
 QUE TORNA OS CORAÇÕES
 PALPITANTES.

NÃO ADORMEÇAS,
 MEU FILHO,
 VEM CÁ;
 VAMOS ANDANDO...

OLHA UMA CASINHA,
 DE BRANCO VESTIDA,
 À BEIRA DA ESTRADA.
 TEM UMA ESTRELINHA
 LÁ EM CIMA,
 NO TELHADO
 DE COLMO NEVADO.

— TRUZ! TRUZ!
 QUEM ORA AQUI?
 CHOVE.
 CAI NEVE.
 SIBILA A BRISA.

OS DEDOS DA CHUVA,
 OS FLOCOS GELADOS,
 O LAMENTO
 DO VENTO
 SÃO ALEGRADOS
 POR QUALQUER COISA
 QUE PAIRA
 E SE NÃO VÊ.

POIS QUEM MORAVA ALI
 ERA JESUS.
 NASCERA
 HAVIA UM INSTANTINHO
 E JÁ ENCHERA
 O MUNDO
 DE LUZ!

SUA MÃE,
 A VIRGEM MARIA
 TRANSFIGURADA
 DE ALVORÇO
 REZAVA, A TREMER.
 E O MENINO SORRIA
 E DIZIA
 A QUEM O QUERIA VER
 PALAVRAS DE PAZ
 E DE ALEGRIA.

TINHA UMA CRUZ
 DE LUAR
 EM CADA DEDO
 E SEUS CABELOS
 ERAM DE OIRO FINO
 A DESMAIAR.

E NÓS QUE ÍAMOS
 PARA TANTO LHE ROGAR...
 PERANTE O FULGOR
 DA SUA LUZ,
 SÓ UMA PALAVRA,
 DE INFINITO AMOR,
 SOUBEMOS BALBUCIAR:

JESUS!

AURORA JARDIM.

O POETA E O BÚZIO

Alta quimera, teu olhar brilhante
 Era a promessa límpida do Céu.

Noiva de sempre, ó prometida amante,
 Abrias no azul, de par em par,
 As grandes asas rútilas e claras,
 Quando vencida, exausta de sonhar,
 Tiveste a absurda, ardente fantasia
 De existir só por ti! Quiseste ser
 Amor e estrela inquieta e palpitante,
 Som e perfume e flor... Viver e amar!...

Logo caída e morta, asa espectral,
 Tòda a beleza e a còr, tòda a harmonia,
 O sonho e a graça, tudo se apagou...
 Só um pungente acorde musical
 De lembrança e saudade em mim ficou,
 Como num búzio a imensidão do mar...

Inédito—1945.

AMÉRICO DURÃO,

Os Presépios do Menino Jesus

Por A. L. de Carvalho.

Nos tempos da minha juventude, os presépios, que vinham da tradição cristã, estavam nos costumes. Faziam-se no santuário da família, e era à sua volta que a ceia de Natal decorria.

Os presépios apresentavam não só uma síntese da natividade de Jesus, mas também uma lição de etnografia artística. O figurado, obra dos baristas portugueses, falava à nossa imaginação de criança.

Nos lares ricos ou pobres, eram as crianças que punham o maior entusiasmo no armar do presépio. Colaborava certamente na sua preparação o espírito católico dos adultos; mas eram as crianças e o espírito infantil da gente moça quem mais alimentavam a idéia de os fazer.

A fisionomia pastoril dos presépios rebrilhava, sobressaindo de um fundo cénico de cascata.

Transcendendo do coração da família, os presépios tiveram a sua apotheose mística nos conventos de freiras.

A exaltação amorosa do Deus-Menino tinha nas velhas monjas ou noviças um sentido lírico de maternidade.

Camilo, nas *Novelas do Minho*, fala de um presépio no Convento das Claristas da nossa terra, em 1822. No «religioso espectáculo» entram dois destacados personagens — um tio e uma sobrinha. Caso foi que o tio Manuel, curtidor no Pôrto, «gostou muito de ver a sobrinha interdita com o presépio do Menino Jesus, cheta de devotos carinhos, ora beijando-lhe os pés, ora incensando o recinto do religioso espectáculo».

E a visita ao presépio das freiras claristas termina por este quadro onde se movimentam figuras recortadas pelos moldes peraltas do século XVIII: «Ao sair do mosteiro de Santa Clara, um rancho de fidalgos com os seus lacaios armados de lanternas, formaram alas para admirarem as damas».

Esta cena, que se patenteava na visitação interessada aos presépios, desdobrava-se em romagem devota de casa em casa, de convento em convento, de igreja em igreja, demorando-se o povinho a ouvir os villancicos, onde os cânticos suavíssimos ao Menino-Jesus no presépio mais se realçavam pelos acordes do órgão, cravo ou harpa.

Deambulando das novenas para a *Missa do Galo*, era na igreja da Colegiada que esta alcançava mais aparato litúrgico, a ponto de se tornar mister providências contra os arruados perturbadores.

Em um processo disciplinar movido contra o cônego Ferraz da insigne Colegiada, em 1642, faz-se referência a um presépio armado em casa d'este sacerdote — presépio tão atraente, que até ali não faltavam doces galanteadoramente oferecidos... (Arq. Mun., Códice 431, fl. 5).

Os presépios da natividade de Jesus com os autos representativos de lírico sabor, já não cabem nos tempos cépticos que atravessamos. Embora na imagem do Deus-Menino — como diz Matos Sequeira — se fundissem o amor divino e o amor humano, caso é que uma desnacionalizadora moda arrumou para os museus e lojas de antiquários o recheio dos presépios.

Guarda-se no *Museu de Alberto Sampaio* um grupo escultórico que foi ornamento dos presépios armados em Santa Clara, e temos ainda na igreja da Costa, que foi dos frades Jerónimos, um bucólico presépio, como eles se faziam nos saudosos tempos da minha infância.

Tem-se querido fazer a revivência dos presépios, em substituição da importada *Árvore do Natal*.

Tal como as tradicionais fogueiras do Natal, que só raro ardem ainda nas terras serranas e lugarejos remotos, também os presépios parecem não querer perdurar no seu clima religioso — e é pena, pois constituíam, repito, uma lição de etnografia artística, ao mesmo tempo que eram um espectáculo de poético encantamento.

Pôrto, 1945.

